



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

Ou doido sou eu que escuto vozes

www.voxinstituto.com.br/

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

“Ou doído sou eu que escuto vozes”¹

Conrado Ramos

Um poema é um discurso que exige e que provoca uma ligação contínua entre a *voz que existe* e a *voz que vem e que deve vir*. E essa voz deve ser tal que se imponha e excite o estado afetivo do qual o texto seja a única expressão verbal. Eliminam a voz e a voz que é necessária, tudo se torna arbitrário. O poema transforma-se em uma sequência de sinais que só estão ligados por estarem materialmente traçados uns depois dos outros.

(Paul Valéry, 1937/2011, p. 202)

Que experiência calada no sujeito terá suscitado esta e não aquela imagem metafórica?

(Alfredo Bosi, 2000, p. 14)

É na agonia da criatura, no polo extremo oposto à liberdade, que aflora irresistivelmente a liberdade enquanto determinação contrariada da matéria.

(Horkheimer e Adorno, 1991, p. 171)

É um dia de real grandeza, tudo azul

Estamos hoje divididos entre 1) esquerdistas deprimidos, decepcionados e envergonhados de verem na raiz pragmática de suas apostas o mesmo neoliberalismo que tanto combateram; 2) conservadores rinocerontes, como bem observou Mauro

¹ Texto apresentado no evento Poesia e Voz, no Instituto Vox, juntamente com Mauro Mendes Dias, em 17 de março de 2018.

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Mendes Dias em sua análise psicanalítico-política da peça *O Rinoceronte*, de Eugène Ionesco; e 3) uma classe trabalhadora formada em grande parte pela descendência econômica e sociocultural de ex-escravos historicamente abandonados pelo sadismo patriarcal arraigado na elite nacional brasileira, conforme aponta Jessé Souza (2017) ao nos lembrar das análises preciosas de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. Cito-o:

Assim, entre as classes sociais que formaram o Brasil moderno, foi a “ralé de novos escravos”, que soma ainda hoje em dia mais de um terço da população, agora de todas as cores de pele, mas, herdando o desprezo social de todos que era devotado ao escravo negro, o elemento mais importante para singularizar o Brasil. Essa classe vai construir um acordo de classes nunca explicitado entre nós. Na base desse acordo está a existência dos “sub-humanos” em relação aos quais todas as classes podem se diferenciar positivamente. O Brasil passou de um mercado de trabalho escravocrata para formalmente livre, mas manteve todas as virtualidades do escravismo na nova situação. (SOUZA, 2017, p. 102)

Enquanto a esquerda junta os cacos e a direita rinoceronta, os trabalhadores se calam, tomados que ainda estão em suas almas e corpos pelas marcas de opressão silenciosa de seus ascendentes (“E essa zoeira dentro da prisão / Crioulos empilhados no porão / De caravelas no alto mar”).

Como psicanalistas cabe-nos pensar como dar voz a estas marcas de modo a permitir que possam ser dialetizadas. E para isso é importante lembrarmos-nos da lógica social proposta por Lacan ao final da Segunda Guerra Mundial: "1o) Um homem sabe o que não é um homem; 2o) Os homens se reconhecem entre si como sendo homens; 3o) Eu afirmo ser homem, por medo de ser convencido pelos homens de não ser homem." (LACAN, 1945/1998, p. 213).

Para discutir essa proposta de Lacan, cito dois parágrafos de um outro texto:

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Consideremos a equivalência vida=homem=dignidade: aquilo que é contrário à vida é contrário ao humano e à dignidade. Deste modo, deparar-se com o que promove indignação equivale ao deparar-se com o saber o que não é um homem, com o que é contrário à vida. Mas um homem não sabe o que é um homem, sabe apenas o que não é um homem, o que faz do *homem*, como da *vida* e da *dignidade* um elemento não falso, mas impredecável, irreduzível a definições alienantes. Por isso, tendo em vista que os homens podem se reconhecer entre si neste impredecável, afirmamos nossa humanidade não pela adoção de um atributo universal, mas pela negação da nossa não-humanidade. O humano, portanto, em sua condição de impredecável, se afirma, em ato, e a cada vez, como negação do não-humano. Talvez seja este o caminho da indignação: experiência da negação do que é contrário à vida/humano, não sem antes passarmos pelos tempos do depararmos-nos com o não-humano e o reconhecermos-nos humanos em ato.

Se de fato houver um curto-circuito lógico-temporal que vai do deparar-se com o não-humano ao afirmar-se humano sem o tempo necessário do reconhecimento do próprio laço como humano, talvez possamos entender que é pelo salto no reconhecimento da impredecável humanidade no laço social, que aquilo que negaria o não-humano se afirma como negação do Outro. Neste caso a afirmação da humanidade reconhecida de um implicaria a negação da humanidade do outro, como bem demonstrou Hegel na dialética do puro prestígio da relação senhor X escravo. De forma cindida e reativa, lanço o não-humano para o lado do Outro como forma de me afirmar humano: faço-me humano, neste caso, não pela negação dialética do não-humano, mas pela recusa/exclusão do não-humano. (RAMOS, inédito)

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Podemos encontrar, por exemplo, em *Sinhá*, de Chico Buarque de Holanda e João Bosco (2011), o esforço para dar voz a esta herança gilbertiana que se deu entre Casa Grande e Senzala e que mostra, de um lado, o sadismo escravocrata de uma elite incapaz de reconhecer a humanidade da classe trabalhadora e, de outro lado, a divisão subjetiva de uma classe média que fica entre o lugar clássico do agregado do patriarca - lugar do policiamento moral e ideológico da classe média oportunista e puxa saco das elites - e o lugar do intelectual responsável por dar voz às marcas mestiças de sofrimento de seus antepassados.²

Sinhá

Se a dona se banhou
Eu não estava lá
Por Deus Nosso Senhor
Eu não olhei Sinhá
Estava lá na roça
Sou de olhar ninguém
Não tenho mais cobiça
Nem enxergo bem

Para que me pôr no tronco
Para que me aleijar
Eu juro a vosmecê

² É importante mencionar a origem mestiça de Chico Buarque, que se pode demonstrar em livro de Bartolomeu Buarque de Holanda, *Buarque: uma Família Brasileira: Ensaio Histórico Genealógico*, de 2011: “Eu quis mostrar estes personagens que foram marcantes na árvore genealógica da família. Acredito que, entre todas as ramificações, a mais curiosa é a que gerou a união de José Ignácio Buarque de Macedo (Senhor de engenho) e a escrava Maria José. Apesar de analfabeta, ela foi a primeira mulher na família a colocar o estudo como prioridade. Curiosamente, seus descendente fizeram jus à dedicação e geraram figuras como Aurélio Buarque, Chico Buarque e Cristóvam Buarque, entre outros” (HOLANDA *apud* SCIPIÃO, 2012)

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Que nunca vi Sinhá

Por que me faz tão mal
Com olhos tão azuis
Me benzo com o sinal
Da santa cruz

Eu só cheguei no açude
Atrás da sabiá
Olhava o arvoredor
Eu não olhei Sinhá

Se a dona se despiu
Eu já andava além
Estava na moenda
Estava pra Xerém

Por que talhar meu corpo
Eu não olhei Sinhá
Pra que que vosmincê
Meus olhos vai furar

Eu choro em iorubá
Mas oro por Jesus
Pra que que vassuncê
Me tira a luz

E assim vai se encerrar
O conto de um cantor
Com voz do pelourinho

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

E ares de senhor

Cantor atormentado

Herdeiro sarará

Do nome e do renome

De um feroz senhor de engenho

E das mandingas de um escravo

Que no engenho enfeitiçou Sinhá

Ainda na esteira da genialidade chicobuarqueana, encontramos a clara transformação da malandragem em classe política e classe média conservadora e hipócrita. Malandragem que, vale dizer novamente, tem origem nos agregados e mestiços livres protegidos pela elite patriarcal e que deu origem à nossa classe média.

Homenagem ao malandro

Eu fui fazer um samba em homenagem

À nata da malandragem

Que conheço de outros carnavais

Eu fui à Lapa e perdi a viagem

Que aquela tal malandragem

Não existe mais

Agora já não é normal

O que dá de malandro regular, profissional

Malandro com aparato de malandro oficial

Malandro candidato a malandro federal

Malandro com retrato na coluna social

Malandro com contrato, com gravata e capital

Que nunca se dá mal

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Mas o malandro pra valer
- Não espalha
Aposentou a navalha
Tem mulher e filho e tralha e tal
Dizem as más línguas que ele até trabalha
Mora lá longe e chacoalha
Num trem da Central

(BUARQUE, 1978)

Vemos, muitas vezes, o discurso ideológico da burguesia brasileira deixar à cargo da classe trabalhadora a pecha do malandro, como sendo aquele que não trabalha e vive de pequenos “bicos” e subversões financeiro-econômicas. Se contarmos que toda uma classe de ex-escravos sem trabalho, abandonada à própria sorte, teve que “se virar” para sobreviver economicamente, em parte esta leitura talvez seja verdadeira, mas neste caso o suposto “malandro” foi regido não por uma índole degenerada comprometida, como fizera e faz ainda pensar a ideologia eugenista, mas sim pela necessidade econômica de sobrevivência.

Se o malandro o era por circular livremente pelo cenário urbano do Rio antigo e sob proteção e vistas grossas de parcela “ordeira” da população, era porque ele tinha credenciais, secretas ou não, que o colocava na sombra das asas da elite que, além do mais, não considerava e não considera humanos os escravos e grande parte de seus descendentes genéticos e/ou socioculturais.

Caravana do Arará

É deste modo que proponho encontrar em outro lugar a voz da classe trabalhadora na genial metáfora da história da origem do capitalismo brasileiro adaptada por Chico Buarque na Ópera de Malandro, a partir da Ópera dos três vinténs de Bertold Brecht.

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Não é difícil situarmos nas figuras submetidas, oprimidas e abandonadas da obra o lugar dado por Chico Buarque à classe trabalhadora. Assim é o lugar social e histórico de uma ralé abandonada, dejetos social, que ele faz aparecer em Tema de Geni (1986), embora a fala em primeira pessoa seja do comandante do zepelim (representante da nossa elite historicamente herdeira da casa-grande) e a vociferação odienta que a letra faz ecoar seja equivalente à da nossa classe média verde-amarelo:

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Co'os velhinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Um dia surgiu, brilhante
Entre as nuvens, flutuante
Um enorme zepelim
Pairou sobre os edifícios
Abriu dois mil orifícios
Com dois mil canhões assim
A cidade apavorada
Se quedou paralisada
Pronta pra virar geleia
Mas do zepelim gigante
Desceu o seu comandante
Dizendo - Mudei de ideia
- Quando vi nesta cidade
- Tanto horror e iniquidade
- Resolvi tudo explodir
- Mas posso evitar o drama
- Se aquela formosa dama
- Esta noite me servir

Essa dama era Geni
Mas não pode ser Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Mas de fato, logo ela
Tão coitada e tão singela
Cativara o forasteiro
O guerreiro tão vistoso

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Tão temido e poderoso
Era dela, prisioneiro
Acontece que a donzela
- e isso era segredo dela
Também tinha seus caprichos
E a deitar com homem tão nobre
Tão cheirando a brilho e a cobre
Preferia amar com os bichos
Ao ouvir tal heresia
A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão
O prefeito de joelhos
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão
Vai com ele, vai Geni
Vai com ele, vai Geni
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir
Você dá pra qualquer um
Bendita Geni

Foram tantos os pedidos
Tão sinceros, tão sentidos
Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco
Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado
E nem bem amanhecia

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado
Num suspiro aliviado
Ela se virou de lado
E tentou até sorrir
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir
Joga pedra na Geni
Joga bosta na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Sobre este lugar de dejetos de uma classe à qual é negada a humanidade, Cito
Jessé Souza:

Os ex-escravos da “ralé de novos escravos” continuam sendo explorados na sua “tração muscular”, como cavalos aos quais os escravos de ontem e de hoje ainda se assemelham. Os carregadores de lixo das grandes cidades são chamados, literalmente, de cavalos. O recurso que as empregadas domésticas usam é, antes de tudo, o corpo, trabalhando horas de pé em funções repetitivas, com a barriga no fogão quente, do mesmo modo que faxineiras, motoboys, cortadores de cana, serventes de pedreiros etc. Como o caminho do aprendizado escolar é fechado desde cedo para a imensa maioria dessa classe, não é o conhecimento incorporado no trabalhador que é a mercadoria vendida no mercado de trabalho, mas a capacidade muscular, comum a todos os animais. Uma classe reduzida ao

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

corpo, que representa o que há de mais baixo na escala valorativa do Ocidente. Por conta disso, essa classe, do mesmo modo que os escravos, é desumanizada e animalizada. Passa a não valer como ser humano que vimos exigir, em alguma medida, a dimensão do espírito, ou seja, no nosso caso, do conhecimento útil incorporado. (SOUZA, 2017, pp. 102-3)

Esta classe subumana, reduzida ao corpo, animalizada, que representa o que há de mais baixo na escala valorativa do Ocidente, é o que Lacan (1974) chamou de sintoma social: “Há apenas um sintoma social: cada indivíduo é realmente um proletário, isto é, não tem nenhum discurso com que fazer laço social, em outras palavras, semblante.” (inédito). E foi esta dimensão social do sintoma, como aquilo que resta da histórica expropriação e desumanização fundantes do capitalismo, que Lacan atribuiu como invenção de Marx:

Buscar a origem da noção de sintoma, que não é absolutamente a se buscar em Hipócrates, mas em Marx, em sua ligação entre o capitalismo e o tempo feudal. Leiam toda a literatura aí, o capitalismo é considerado como tendo certos efeitos, e por que, efetivamente, não os teria? Esses efeitos são, afinal, benéficos, já que têm a vantagem de reduzir a nada o homem proletário, graças a que o homem proletário realiza a essência do homem, e, por ser de tudo despojado, está encarregado de ser o messias do futuro. Tal é a maneira como Marx analisa a noção de sintoma. Ele dá, é claro, uma multidão de outros sintomas, mas a relação destes com uma fé no homem é totalmente incontestável. (LACAN, 1974-75, aula de 18 de fevereiro de 1975, p.37)

É a isto que é de tudo despojado, desumanizado, a isto que resta como dejetos, ralé, que se trata de dar voz para efetivamente realizarmos uma política do sintoma. Não à toa, Chico Buarque dialetiza a condição de uma Geni sem voz e faz os despojados

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

darem seu recado político em Palavra de Mulher (1986), mulher aqui a ser tomada também como a Democracia.

Vou voltar
Haja o que houver, eu vou voltar
Já te deixei jurando nunca mais olhar para trás
Palavra de mulher, eu vou voltar
Posso até
Sair de bar em bar, falar besteira
E me enganar
Com qualquer um deitar
A noite inteira
Eu vou te amar

Vou chegar
A qualquer hora ao meu lugar
E se uma outra pretendia um dia te roubar
Dispensa essa vadia
Eu vou voltar

Vou subir
A nossa escada, a escada, a escada, a escada
Meu amor, eu vou partir
De novo e sempre, feito viciada
Eu vou voltar

Pode ser
Que a nossa história
Seja mais uma quimera
E pode o nosso teto, a Lapa, o Rio desabar

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Pode ser
Que passe o nosso tempo
Como qualquer primavera
Espera
Me espera
Eu vou voltar

Talvez caiba pensarmos que, historicamente, tanto a direita conservadora quanto a esquerda intelectual brasileiras padecem do mesmo erro, qual seja, aceitar sem questionar a suposição de que os membros da classe trabalhadora abandonada são incapazes de fazer laço social. Isto significa dizer que não reconhecem um sujeito lá, em condições de sustentar desejo e voz. Como consequência, temos do lado da direita o desprezo ao que lhes parece subumano, e do lado da esquerda a ideia de que somente o populismo salvador pode dar-lhes um destino outro.

Neste sentido cabe incluir aqui o próprio Chico Buarque quando, e se, se propõe a porta voz da classe trabalhadora, e mesmo este que aqui escreve, quando busca no Chico Buarque e não na classe trabalhadora a voz da classe trabalhadora.

Mas daqui podemos extrair a seguinte questão: que histórica e economicamente haja ainda uma classe trabalhadora formada em grande parte de descendentes econômicos, culturais e sociais (e não só genéticos) da massa de ex-escravos abandonados, teriam eles uma “consciência de classe”? Sabemos que não há mais uma consciência de classe e que a classe trabalhadora de hoje sustenta os discursos e valores da classe média. Logo, querendo ou não, e infelizmente, a classe média se tornou indevidamente porta-voz da classe trabalhadora, com a diferença de não viver a vida de exclusão e mutilação cotidianas daquela e de cotidianamente contribuir com esta exclusão e mutilação.

Recorro aqui, para contribuir com o debate sobre a relação do proletariado com seus porta-vozes, à posição de Adorno (1996) quanto ao papel do intelectual, com a qual atualmente concordo, uma vez que, identificada aos valores da classe média, a classe trabalhadora se julga beneficiária de um sistema que não se baseia “em outra coisa que não sua exploração e opressão”:

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Hoje em dia, quando o conceito de proletariado, intocado em sua essência econômica, está tão obliterado pela tecnologia que, no maior dos países industrializados, não há possibilidade de uma consciência proletária de classe, o papel dos intelectuais já não seria alertar os obtusos para seus interesses mais patentes, porém tirar a venda dos olhos dos espertos, tirar a ilusão de que o capitalismo, que faz deles seus beneficiários transitórios, baseia-se em outra coisa que não sua exploração e opressão. Os trabalhadores enganados dependem diretamente daqueles que ainda conseguem enxergar alguma coisa e falar-lhes de seu engano. Seu ódio pelos intelectuais sofreu uma mudança correspondente. Alinhou-se com as opiniões correntes o senso comum. As massas já não desconfiam dos intelectuais por eles traírem a revolução, mas porque eles talvez a queiram; com isso, revelam quão grande é sua própria necessidade de intelectuais. A humanidade só sobreviverá se os extremos se unirem. (pp. 49-50)

A arte, e por decorrência a poesia, têm aqui seu papel social: dar voz ao desejo de transformação do proletariado, sem o que o intelectual ou artista ou poeta nenhum pode conseguir mudar a sociedade. Afinal, como escreveu Baudelaire, “o poeta goza desse incomparável privilégio de poder, à sua vontade, ser ele mesmo e outro” (apud BOSI, 2000, P. 167). E, retomando o que disse Paul Eluard sobre os poetas malditos franceses já em 1947: “O desespero dos poetas advinha de não poderem eles realizar seu sonho de fazer-se entender de todos, encontrar um eco no coração de todos os homens. Eles sabem que a poesia só se fará carne e sangue a partir do momento em que for *recíproca*.” (apud BOSI, *id.*, p. 167-8).

É neste sentido que nos toca pensar o próprio fazer poético, para além de suas inevitáveis contaminações sociais de classe, como um esforço de um dizer para além daquilo que as amarras ideológicas dos discursos correntes são capazes de dizer. Ali

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

onde as desgastadas cantinelas ideológicas fazem um todo e definem certos e errados, humanos e subumanos, a poesia, na essência política que dialeticamente lhe cabe por função social a partir da modernidade, teria a dizer a ruptura com e a resistência às totalidades. E por essa razão as poesias mostram, ao colocarem corpo/voz na arte da linguagem que são, o que as ideologias não querem, não sabem ou não conseguem dizer: para além da identidade ideologicamente imposta ao objeto, seu imprevisível não-idêntico. Por isso a poesia tem em si a força do que disse Paul Valéry na primeira aula do Curso de Poética de 1937, “*a obra do espírito só existe como ato*”.

Assim, a voz que a poesia faz ecoar quer não se deixar apanhar pelas razões totalitárias, identitárias e instrumentais. Na reciprocidade sonhada pelos poetas os seres humanos se reconhecem entre si e se encontram como humanos no sujeito lírico no ato mesmo de colocar corpo/voz na poesia, e isto sem a menor necessidade de definir ou de um saber prévio sobre o que é um homem.

Podemos, inclusive, afirmar que é função histórica do poeta, desde as mais remotas eras, mimetizar os sintomas de seu tempo como forma de dar-lhes voz. E o que faz a psicanálise senão por a falar, forçar mesmo que fale, o poeta em cada um?

Diz que malocam seus facões e adagas

Recorro agora ao magnífico poema de Pablo Neruda (2010, pp. 61-3), o XII da série Alturas de Macchu Picchu, presente em *Canto Geral*, de 1950, para mostrar a força mimética da poesia em relação ao que Lacan nomeou de sintoma social de nosso tempo.

Sobe para nascer comigo, irmão.

Dá-me a tua mão aí da profunda
zona de teu pudor disseminado.
Não voltarás do fundo das rochas.
Não voltarás do tempo subterrâneo.
Não voltará a tua voz endurecida.

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Não voltarão os teus olhos verrumados.
Olha-me do fundo da terra,
lavrador, tecelão, pastor calado:
domador de guanacos tutelares:
pedreiro do andaime dasafiado:
aguadeiro das lágrimas andinas:
joalheiro dos dedos machucados:
agricultor tremulando na semente:
oleiro em tua argila derramado:
trazei à taça desta nova vida
as vossas velhas dores enterradas.
Mostrai-me o vosso sangue e vosso lanho,
dizei-me: aqui fui castigado,
porque a joia não brilhou ou a terra
não entregou a tempo a pedra, o grão:
assinalai-me a pedra em que caístes
e a madeira em que vos crucificaram,
acendei-me as velhas pederneiras,
as velhas lâmpadas, os látégos pregados
às chagas, através dos séculos
e os machados de brilho ensanguentado.
Venho falar por vossa boca morta.
Através da terra juntai todos
os silenciosos lábios derramados
e lá do fundo falai comigo por toda esta longa noite,
como se eu estivesse ancorado convosco,
contai-me tudo, cadeia por cadeia,
elo por elo, passo por passo,
afiai as facas que escondestes,
colocai-as no meu peito, em minha mão,
como um rio de raios amarelos,

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

como um rio de tigres enterrados,
e deixai-me chorar, horas, dias, anos,
idades cegas, séculos estelares.

Daí-me o silêncio, a água, a esperança.

Daí-me a luta, o ferro, os vulcões.

Apegai a mim os corpos como ímas.

Afluí a minhas veias e a minha boca.

Falai por minhas palavras e por meu sangue.

O poeta empresta corpo ao dar voz à *boca morta* do sintoma. Ou talvez possamos dizer que a *voz endurecida* do sintoma vem do *fundo das rochas*, do *subterrâneo do tempo* falar pela boca do poeta. As marcas de gozo que trazemos no corpo também são *voz endurecida*, também vêm do *fundo das rochas* e do *subterrâneo do tempo*.

Ao comentar este poema Alfredo Bosi (2000) escreve o seguinte:

E se a fala do poeta parece mais forte ou mais clara do que o gemido da criatura oprimida, é porque desta, e só desta, recebeu o fôlego para gritar. O coro atua, necessariamente, um modo de existência plural. São as classes, os estratos, os grupos de uma formação histórica que se dizem no *tu*, no *vós*, no *nós* de todo poema abertamente político. Mas o coro não se limita a evocar uma consciência de comunidade; ele pode também provocá-la, criando nas vozes que o compõem o sentimento de um destino comum. (p. 215)

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Em que medida o reconhecimento do humano por meio do imprevisível, em que medida este reconhecimento indizível que só se faz em ato, não coloca em jogo algo da mimese? Este passo de reconhecermo-nos como humanos sem sabermos o que é um homem, mas pela negação do que não é um homem, não nos coloca num campo de reconhecimento real (isto é: não simbólico e não imaginário porque imprevisível)? Reconhecemo-nos humanos não pelo que nos faz idênticos, mas pelo que, ao negarmos nossa não humanidade, nos faz mimeticamente não-idênticos. É preciso, neste contexto, diferenciar identidade de mimese. Mas já podemos adiantar, pela tese que hora colocamos em questão, que a identidade está para o imaginário assim como a igualdade (matemática) para o simbólico e a mimese para o real. Ainda que, biologicamente, o mimetismo se dê por semelhança de corpos, cabe pensar o objeto mimetizado situado entre imaginário e real, isto é, fora do simbólico. O que é da ordem deste objeto alcançaria a escrita simbólica por meio da constelação própria à arte e à função poética, ou seja, pela combinação significativa de som e sentido ou de imagens e sentido capaz de tocar o corpo.

Não à toa Walter Benjamin (1933/1994) ancora seu conceito de constelação na doutrina da semelhança.

Ele pressupõe a constelação como o ato de extrair sentidos enodantes da estrutura combinatória de elementos dispersos tomados como significantes em relação. Mas esta estrutura se dá por uma inusitada semelhança extra-sensível, como já disse, que a linguagem contingencia por ser o material para o qual a mimese se deslocou na história da humanidade.

Se o corpo do simbólico faz corpo ao tomar o corpo (LACAN, 1970/2003), não o faz pela função histórico-filogenética da mimese no ser humano? Isto é, deixando-se constelar pelo instante de letra que se escreve em sua captura forçada, o corpo se faz corpo-substância de gozo pela inusitada semelhança extra-sensível que a linguagem contingencia por ser o material para o qual a mimese se deslocou na história da humanidade.

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Assim, do mesmo modo que um xamã lê o futuro da tribo nas vísceras do animal abatido e um astrólogo lê as características de alguém na constelação, um ser falante lê um corpo nas coisas vistas e ouvidas que até ele chegam...³

A doutrina das semelhanças, na qual Benjamin parece suportar a constelação, como já disse, pressupõe o ato de extrair sentidos enodantes da estrutura combinatória de elementos dispersos tomados como significantes em relação. Mas o que se constela, todavia, não é o sentido somente, mas o sentido enquanto realização possível de gozo. Ou seja, o sentido na medida em que ele faz, sustenta um corpo.

Essa concepção de tomada de corpo pelo simbólico coloca em relação homóloga o estádio do espelho, a teoria da mimese e o constelar como contingência que se escreve.

O universo, assim, não se caracteriza ao entendimento humano como Um, mas como terreno repleto de elementos que se relacionam ideogramaticamente. O corpo que assim se escreve em/para cada um se faz contingencialmente como singular ideograma de gozo.

Por ser misterioso - ao menos como o diz Lacan e não menos o suporia Benjamin - o corpo falante mimetiza no modo de dizer que lhe é próprio. Isto quer dizer que, se de um lado a linguagem usa o corpo para necessariamente substantificar o gozo, de outro, o corpo usa a linguagem para contingencialmente constelar algum sentido para este gozo que substantifica. E cabe pensar se, ao usar a linguagem como constelação de gozo, o que este corpo falante da psicanálise faz não pode ser entendido como poesia. Devemos supor, portanto, que entre o gozo que no corpo se escreve e a constelação que

³ Recordemos aqui do seguinte trecho de *A Terceira*:

“Mas aí está o que não vemos e que os etologistas, coisa muito curiosa, colocam entre parênteses (você sabem o que são os etologistas, são pessoas que estudam os hábitos e costumes dos animais): não é uma razão para que imaginemos que o mundo é mundo, o mesmo, para todos os animais, se posso dizer assim, enquanto que temos tantas provas de que mesmo que a unidade do nosso corpo nos force a pensá-lo como universo não é evidentemente mundo que ele é, ele é imundo. Mesmo assim, é do mal-estar que Freud nota em algum lugar, do mal-estar na civilização, que procede toda nossa experiência. O que há de impressionante é que o corpo, para esse mal-estar, contribui de um modo que sabemos muito bem animar - animar se posso dizer - animar os animais de nosso medo. De que temos medo? Isso não quer dizer simplesmente: a partir de que temos medo? De que temos medo? De nosso corpo.” (LACAN, 1974)

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

permite lê-lo, há mimetização e poesia. E o sentido que encontramos neste processo não vai além do instante em que se realiza a própria mimese. Como acontecimento que é, a mimese assim compreendida não se fixa. Mas cumpre sua função de atualizar a semelhança possível entre corpo e linguagem (um corpo falante) por meio de um saber de gozo que não é outro senão o gozo do saber inconsciente.

O gozo que no corpo se fixa em substância, na linguagem constela em sentido. A mimese que os liga: a letra.

Fazendo da constelação espelho, o corpo fala e vê na linguagem suas marcas de gozo. De outro lado, o sentido que o inconsciente constela, no corpo se cristaliza em gozo, fazendo do corpo o suporte da escrita, ou sintoma, na medida em que este é o simbólico no real, acontecimento de corpo.

Se o sintoma é um querer dizer que se escreve no corpo, o constelar que o mimetiza é um dizer efetivo, na medida em que se faz enquanto forçamento do real no simbólico. E a poesia, em si mesma, se apresenta talvez como forçamento do real no simbólico e/ou no imaginário. Será que podemos formalizar que a mimese é o que se apresenta como forçamento entre o real e os outro(s) registro(s)? Forçar algo do simbólico ao real, ou do real ao imaginário, ou o inverso de ambos... De qualquer modo, há uma equivalência estrutural entre a interpretação psicanalítica e a poesia: forçamento do real no simbólico.

A caminho do Jardim de Alá

Perguntemo-nos agora aquilo que, enquanto psicanalistas, nos implica: onde encontramos a voz do proletariado? Não a encontramos nos discursos e valores da classe média fabricados cotidianamente pela imprensa para nos vender/vender a todos. Em nossos consultórios chegam mais membros do que chamarei logo mais de “gente tão insana” do que membros do que chamei de “caravana do Arará”. Por isso, nosso fazer está mais para romper com ideologias (discursos correntes) do que para ouvir mutilações cotidianas. Não obstante, mutilações nos chegam, benjaminianamente, como marcas cristalizadas desse desumanizado sintoma social, carregadas de geração em

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

geração em busca de alguma escuta. Por isso, precisamos levar muito a sério a sexta tese sobre o conceito de história de Walter Benjamin:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BERNJAMIN, 1940/94, pp. 224-5)

Também nós precisamos nos apropriar de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de um perigo; também nós precisamos arrancar a tradição ao conformismo; também nós precisamos saber que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer.

Ainda com Benjamin:

Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolivelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso. (BENJAMIN, 1940/94, pp. 222-3)

Esse apelo que não pode ser rejeitado impunemente é o sintoma social diante do qual cada um de nós tem sua inegável responsabilidade. É por isso que precisamos dar voz, como Cora Coralina (1965/91, pp. 15-6), a todas as vidas que temos dentro de nós:

Todas as vidas

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando para o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de São-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
- Enxerto de terra,
meio casmurra.

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo ser alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras.

Dentro de nós a possibilidade de reconhecermos a humanidade dos *meros obscuros*, de ouvir suas vozes, ou então a vociferação insana, o bramir com os rinocerontes.

Por ser dialética, uma análise topa muitas vezes com a história condensada no particular do sujeito do inconsciente. E não me refiro apenas à história particular do sujeito. Aquilo em que a análise toca não tem a ver somente com os efeitos dos desdobramentos do sujeito no tempo. Tem a ver também com o tempo que não se desdobra e que o sujeito traz gravado em si, como herança de gerações que se transmite pelo discurso familiar, muitas vezes. Não é o sujeito dentro do tempo, mas o tempo dentro do sujeito que uma análise faz falar quando dá voz às dores, tragédias, impasses familiares que ali ficaram gravados como marcas do horror, da desgraça, do trauma de

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

antepassados. A poética de uma análise encontra aqui, no fazer falar o tempo sedimentado no sujeito, seu elemento de negatividade dos discursos correntes. É por uma equivalência dialética, e não estética, que uma análise encontra na poética um mesmo *dar voz* ao que não cede à lógica identitária e ao que escapa às totalizações ideológicas. Esta é uma forma, inclusive, da psicanálise fazer a crítica de seus próprios aprisionamentos ideológicos.

Uma análise não chega ao fim sem que o sujeito interrogue eticamente seus compromissos com esses traços e com essa história que ele carrega como marcas de gozo. E nas decisões que o sujeito toma perante essas marcas podemos ver não somente um reposicionar-se frente à paralisação gozosa da dialética, paralisação esta presente em todo trauma, mas também a abertura de potencialidades históricas que o sujeito faz vir à palavra e põe em ato quando faz dessas marcas significantes para o desejo.

Por este motivo não me parece justo com a psicanálise a crítica generalizada de que ela visaria ou teria por efeito não refletido o ajustamento social dos sujeitos. É certo que muitas análises podem levar a isso, mas neste caso temos que criticar a ética de seus praticantes (e cabe sim, a todos nós psicanalistas, a crítica por não levarmos nossa escuta ao alcance das caravanas.)

E neste sentido, a crítica adorniana de que a psicanálise devolveria o sujeito curado à sociedade que o adoeceu merece ser questionada, pois, se é certo que o sujeito do inconsciente aparece na mutilação e no sofrimento cotidiano das pessoas, ali onde elas fazem sintoma como forma de fazer tropeçar os discursos da dominação, não deixa de ser também certo que a finalidade de uma análise está longe de corresponder à finalidade da ciência que é silenciar o sujeito.

Não. Uma análise tem por finalidade restituir ao sintoma a voz que ele perdeu ou reclama, voz que muitas vezes espera por gerações para se fazer ouvir e virar outra coisa que não uma solução de compromisso gozosa e inconsciente entre a opressão social e a impotência do particular.

Que os sujeitos possam fazer no laço social outra coisa que não neurose deveria ser também um tema sobre fim de análise, tema que nos colocaria necessariamente na tomada do sintoma por uma via política. O sintoma não é somente via singular de gozo. É também cicatriz social.

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Para citar Horkheimer e Adorno (1991, p. 240):

Se as repetições já se reduziram na criança, ou se a inibição foi excessivamente brutal, a atenção pode se voltar numa outra direção, a criança ficou mais rica de experiências, como se diz, mas frequentemente, no lugar onde o desejo foi atingido, fica uma cicatriz imperceptível, um pequeno enrijecimento, onde a superfície ficou insensível. Essas cicatrizes constituem deformações. [...] Como as espécies da série animal, assim também as etapas intelectuais no interior do gênero humano e até mesmo os pontos cegos no interior de um indivíduo designam as etapas em que a esperança se imobilizou e que são o testemunho petrificado do fato de que todo ser vivo se encontra sob uma força que domina.

Concordo aqui com Soler (2017) quando interroga os finais de análise balizados pela identificação com o sintoma, entendida como um “não ceder sobre a afirmação de sua modalidade de gozo e a se identificar, ou seja, não ceder sobre a preferência que cada um tem à sua própria.” (p. 38). Decorrências disso: “o que pensar do poder analítico da fala da verdade, sempre meia-dita sobre as fixões de gozo? O que pensar dos sujeitos produzidos pela análise que chegou ao fim? Não poderiam esses sujeitos identificados ao seu gozo ser uns sobre-narcisos, dessa vez tão autossuficientes quanto narciso antes de encontrar sua imagem? E o que pensar do laço social, pois o gozo não enlaça?” (PP. 38-9).

Se identificar-se ao sintoma for o mesmo que brigar egoística e narcisicamente pelo gozo próprio, então estamos produzindo consumidores ideais (novos rinocerontes) – se não de modas e *gadgets*, consumidores de si mesmos –, mas se não nos esquecermos de que o sintoma é também cicatriz social, então identificar-se a ele pode ser fazer falar o subumano, antes que ele comece a bufar.

Gente tão insana

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Posto isso, vamos tomar agora um outro aspecto desta discussão. Não nos cabe somente dar voz ao sintoma social; cabe-nos também dar tratamento possível ao rinoceronte que grunhe em cada um de nós. Ou seja, fazer frente à vociferação cuja semente trazemos em nossa formação burguesa (“Tem que bater, tem que matar / engrossa a gritaria”). Vociferação esta que se manifesta na forma do histórico sadismo patriarcal de nossas elites e reproduzida pela polícia ideológica e moral composta por grande parte da classe média nacional. Porém, não é somente na forma da vociferação odienta que encontramos o gozo da subumanização do outro. Podemos encontrar o gozo da subumanização do outro na forma da surdez inocente e/ou apática (“Sol, a culpa deve ser do sol / Que bate na moleira, o sol”). Uma feliz apatia das elites e da classe média que, no silêncio cínico do “não tenho nada a ver com isso”, faz vistas grossas e ouvidos moucos ao histórico abandono que proletariza mais de um terço da nossa população. Ou como dizem Caetano Veloso e Gilberto Gil: “Eu quis cantar / Minha canção iluminada de sol / Soltei os panos sobre os mastros no ar / Soltei os tigres e os leões nos quintais / Mas as pessoas na sala de jantar / São ocupadas em nascer e morrer” (1968). Grande parte de nossas discussões sobre a transformação social não saem da sala de jantar, onde são regadas a bons vinhos. Teses e mais teses sobre os caminhos da transformação social servem mais ao proletariado quando são doadas para a reciclagem do que quando são defendidas nas esteiras da produção universitária. Entre a consciência trágica do intelectual e a feliz apatia da burguesia, celebramos nossas angústias em bons restaurantes ou rodeados de obras de arte adquiridas em leilões ou galerias. Cercados por belos jardins, lemos poesia enquanto na periferia jovens negros e mulheres morrem diariamente. Não estamos isentos da mais severa crítica social quando, de nossas poltronas confortáveis, ouvimos as pessoas que podem pagar por uma análise.

Tomemos como exemplo desta feliz apatia a crítica que, no meu entender, a poeta polonesa Wislawa Szymborska (1967/2016, p. 129) fez à descendência da elite alemã nazista em relação à barbárie sustentada pelos seus pais e avós. Percebamos o quanto devemos tomar também a feliz apatia como cicatriz social, como resposta frente ao sintoma social que, historicamente, produzimos.

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Inocência

Concebida num colchão de cabelo humano.

Gerda. Erika. Margareta.

Nada sabe, de verdade, nada sabe sobre isso.

Esse tipo de notícia não é adequado
para ser transmitido nem recebido.

As Erínias gregas são demasiado justas.

Hoje nos irritaria o seu alado exagero.

Irma. Brígida. Talvez Frederika.

Tem vinte e dois anos ou pouco mais.

Sabe três línguas estrangeiras necessárias nas viagens.

A firma onde trabalha recomenda exportar
os melhores colchões, só de fibras sintéticas.

A exportação aproxima as nações.

Berta. Ulrika. Talvez Hildegard.

Bela não é, mas alta e magra.

Bochechas, colo, busto, quadris, ventre
ora em pleno viço e esplendor do novo.

Alegremente descalça nas praias da Europa
solta o cabelo claro, comprido até o joelho.

Não aconselho cortar – disse o cabeleireiro –
uma vez cortado, não vai voltar a crescer tão viçoso.

Acredite.

É fato comprovado

tausend – und tausendmal.

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

Esta mesma crítica à inocência cínica nós vamos encontrar no nosso Drummond (1940), em *Inocentes do Leblon*:

Os inocentes do Leblon
não viram o navio entrar.
Trouxe bailarinas?
trouxe imigrantes?
trouxe um grama de rádio?
Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,
mas a areia é quente, e há um óleo suave
que eles passam nas costas, e esquecem.

Somos responsáveis por romper ou não com nossa inocência cínica. Somos responsáveis por fazer dela um modo de gozo (e gozar da inocência cínica nos joga, querendo ou não, na manada dos rinocerontes) ou um sintoma a forçar que fale.

Esta inocência é compartilhada também pela burguesia do *Hotel des Bains do Morte em Veneza*, de Thomas Mann, que ao nos colocar identificados ao personagem de Gustav von Aschenbach, nos põe fascinados pelo belo Tadzio e incapazes de ver a peste que chega e toma conta da cidade, matando o próprio Aschenbach. Visionária ou não, e embora à época tivesse havido realmente uma epidemia da peste asiática, a obra foi escrita entre julho de 1911 e julho de 1912, concluída dois anos antes da Primeira Guerra Mundial.

No Brasil, esta inocência veste verde-amarelo e discute pedalinhas, enquanto nossas riquezas naturais são entregues a cartéis de capitalistas.

Enquanto não formos capazes de ouvir em nós mesmos a semente da vociferação e da surdez cínica ao sintoma social de nossa época, continuaremos passando óleos de banho no Leblon ou no Lido e dormindo em colchões de cabelos, enquanto milhões de subumanas e subumanos obscuros seguem buscando por alguma voz. Nossos mais difíceis sintomas, para além das histerias, obsessões e fobias de cada um, são as ralés de nossa época. Diante deles, como psicanalistas, o que fazemos é

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

quase nada. Diante deles, como psicanalistas, será que não procuramos mais pelo Tadzio do que pela peste?

Termino com uma letra do último álbum do Chico Buarque (2017) que, no meu entender, resume muito bem o que tentei aqui dizer:

As Caravanas

É um dia de real grandeza, tudo azul
Um mar turquesa à la Istambul
enchendo os olhos
E um sol de torrar os miolos
Quando pinta em Copacabana
A caravana do Arará - do Caxangá, da Chatuba

A caravana do Irajá
o comboio da Penha
Não há barreira que retenha
esses estranhos
Suburbanos tipo muçulmanos
do Jacarezinho
A caminho do Jardim de Alá
é o bicho, é o buchicho, é a charanga

Diz que malocam seus facões
e adagas
Em sungas estufadas e calções disformes
Diz que eles têm picas enormes
E seus sacos são granadas
Lá das quebradas da Maré

Com negros torsos nus deixam

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

em polvorosa
A gente ordeira e virtuosa que apela
Pra polícia despachar de volta
O populacho pra favela
Ou pra Benguela, ou pra Guiné

Sol, a culpa deve ser do sol
Que bate na moleira, o sol

Que estoura as veias, o suor
Que embaça os olhos e a razão
E essa zoeira dentro da prisão
Crioulos empilhados no porão
De caravelas no alto mar

Tem que bater, tem que matar
engrossa a gritaria
Filha do medo, a raiva é mãe da covardia
Ou doido sou eu que escuto vozes
Não há gente tão insana
Nem caravana do Arará

Pois bem: sejamos aquele que escuta as vozes.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Mensagens numa garrafa. In: ZIZEK, S. (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 39-50.

ANDRADE, C. D. de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940.

RAMOS, Conrado. Ou doído sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

BENJAMIN, W. (1933). A doutrina das semelhanças. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 108-113.

BENJAMIN, W. (1940). Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-234.

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CORALINA, C. (1965). *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Círculo do Livro/Global, 1991.

HOLANDA, C. B. de Homenagem ao malandro. In: *Chico Buarque*. Rio de Janeiro: PolyGram/Philips, 1978, LP.

HOLANDA, C. B. de. Palavra de mulher. In: HOLANDA, C. B. de. *Ópera do malandro*. Rio de Janeiro: PolyGram/Philips, 1986, LP.

HOLANDA, C. B. de. Tema de Geni. In: HOLANDA, C. B. de. *Ópera do malandro*. Rio de Janeiro: PolyGram/Philips, 1986, LP.

HOLANDA, C. B. de. As Caravanas. In: HOLANDA, C. B. de. *Caravanas*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2017, CD.

HOLANDA, C. B. de e BOSCO, J. Sinhá. In: HOLANA, C. B. de. *Chico*. Rio de Janeiro: Biscoio Fino, 2011, CD.

HORKHEIMER, M. e ADORNO, T.W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

LACAN, J. (1945). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998, p. 197-213.

LACAN, J. (1970). Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jerge Zahar Editor. 2001, p. 400-447.

LACAN, J. (1974). *A terceira*. Conferência pronunciada em Roma, em 31 de outubro de 1974. Inédito.

LACAN, J. (1974-75). *O Seminário, livro 22: R.S.I*. Inédito.

NERUDA, P. *Canto geral*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PIVA, R. (1962). *Um estrangeiro na legião: obras escolhidas volume 1*. São Paulo: Globo, 2005.

RAMOS, C. *A indignação como voz do sujeito desejante*. Inédito.

RAMOS, Conrado. Ou doido sou eu que escuto vozes. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Projeto: As vociferações e seus tratamentos possíveis. Mesa redonda “Poesia e Voz”. Centro Cultural b_arco”. São Paulo, 17 de março de 2018.

SCIPIÃO, A. *Sinhá - Chico Buarque e João Bosco – 2011*. Blog. Artigo de 14/09/2012. Disponível em: < <http://decifrandoamusica.blogspot.com.br/2012/09/sinha-chico-buarque-e-joao-bosco-2011.html>>. Acesso: 23 de janeiro de 2018.

SOLER, C. Nova economia do narcisismo. In: *Stylus Revista de Psicanálise*. Rio de Janeiro: EPFCL-Brasil, agosto 2017, n. 34, p. 27-44.

SOUZA, J. *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SZYMBORSKA, W. (1967). *Um amor feliz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VALÉRY, P. Primeira aula do Curso de Poética. In: VALÉRY, P. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 195-208.

VELOSO, C. e GIL, G. Panis et circencis. In: VELOSO, Caetano; COSTA, Gal; GIL, GILBERTO; LEÃO, Nara; OS MUTANTES; ZÉ, Tom. *Tropicália ou Panis et circencis*. São Paulo: RGE, 1968, LP.